

COLEÇÃO  MISTÉRIO JUVENIL

ROBIN STEVENS



UM
CULPADO
QUASE
PERFEITO

• SOCIEDADE DE DETETIVES WELLS & WONG •

nuvem
de letras



UM CULPADO QUASE PERFEITO

Trata-se do relato do Caso do Assassinato da Professora Bell, uma investigação da Sociedade de Detetives Wells & Wong.

Escrito por Hazel Wong, de 13 anos
(Secretária da Sociedade de Detetives)

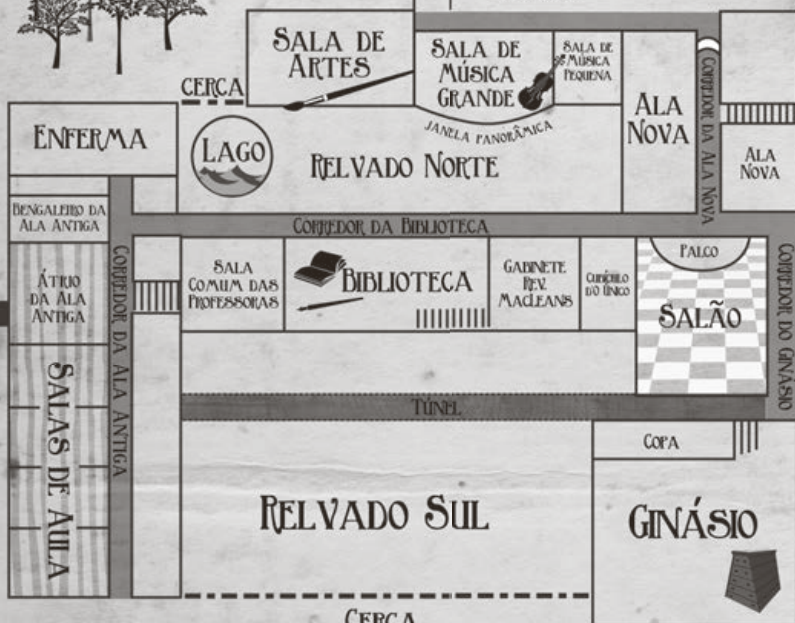
Início a 30 de outubro de 1934, terça-feira.

RÉS DO CHÃO

CARROS

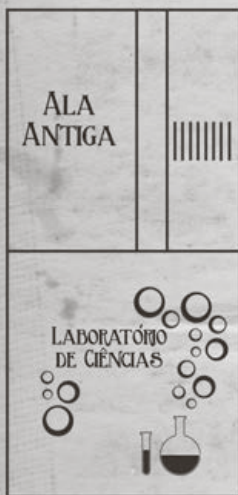


ENTRADA
NORTE



PRIMEIRO ANDAR

SALAS DE
ENSAIO
DE MÚSICA



Mapa do
COLÉGIO
DEEPDEAN



COLÉGIO DEEPDEAN

FUNCIONÁRIOS

Professora Griffin — *Diretora*

Professora Lappet — *Professora de História e Latim*

Professora Bell — *Professora de Ciências e vitima*

Professora Parker — *Professora de Matemática*

Sr. MacLean — *Reverendo*

Professor Reid, *O Único* — *Professor de Música e Artes*

Professora Tennyson — *Professora de Inglês*

Professora Hopkins — *Professora de Desporto*

Mademoiselle Renauld, *Mamzelle* — *Professora de Francês*

D. Minn, *Minnie* — *Enfermeira*

Sr. Jones — *Faz-tudo*

Supervisora — *Supervisora*

AS DETETIVES

Daisy Wells — *Aluna do terceiro* ano e Presidente da Sociedade de Detetives Wells & Wong*

Hazel Wong — *Aluna do terceiro ano e Secretária da Sociedade de Detetives Wells & Wong*

ALUNAS DO TERCEIRO ANO

Kitty Freebody

Rebecca *Beanie* Martineau

Lavinia Temple

Clementine Delacroix

Sophie Croke-Finchley

ALUNA DO PRIMEIRO ANO

Betsy North

ALUNAS DO SEGUNDO ANO

Binny Freebody

As Marys

ALUNA DO QUINTO ANO

Alice Murgatroyd

ALUNAS MAIS VELHAS

Virginia Overton

Belinda Vance

ALUNA MONITORA

Henrietta Trilling, a *Rei Henrique*

* Optou-se por manter a designação dos anos escolares de acordo com o tempo da ação, sendo que o 1.º ano nos colégios internos nos anos 1930 seria o que atualmente é considerado o 5.º ano. Portanto, o 2.º ano corresponderia ao atual 6.º ano, o 3.º ano equivaleria ao 7.º e o 5.º ano seria o atual 9.º. (N. da T.)

PARTE UM

A DESCOBERTA DO CORPO



Este é o primeiro assassinato que a Sociedade de Detetives Wells & Wong investiga, portanto, ainda bem que a Daisy me comprou um novo caderno de caso. O último acabou depois de resolvermos o *Caso do Lenço Desaparecido da Lavinia*. A conclusão desse caso foi obviamente que a Clementine roubara o lenço como vingança por a Lavinia lhe ter dado um soco no estômago durante uma partida de lacrosse, que, por sua vez, foi a vingança da Lavinia por a Clementine ter contado a toda a gente que a Lavinia vinha de uma família desfeita. Suspeito que a resolução deste novo caso possa mostrar-se mais complexa.

Talvez seja melhor dar uma explicação sobre nós, atendendo ao novo caderno de caso. A Daisy Wells é a presidente da Sociedade de Detetives, e eu, a Hazel Wong, sou a secretária. A Daisy diz que isso faz dela o Sherlock Holmes, e de mim, o Watson. Provavelmente, faz sentido. Afinal, sou demasiado pequena para ser a heroína desta história, e quem é que já ouviu falar de um Sherlock Holmes chinês?

É por isso que tem tanta graça ter sido eu a encontrar o corpo da Professora Bell. Aliás, acho que a Daisy ainda está chateada com isso, embora, obviamente, finja que não está. Reparem, a Daisy é uma pessoa do tipo «heroína», por isso estas coisas deviam acontecer-lhe a ela.

Se olharem para a Daisy, acharão que sabem exatamente que tipo de pessoa é — uma daquelas meninas absolutamente inglesas, delicada, de olhos azuis e cabelo dourado; daquelas que galopa por campos lamacentos, à chuva, de taco de hóquei na mão, e depois se senta e come dez *éclair*s com chá. Já eu sou toda cheiinha como o boneco Michelin; as minhas bochechas são redondas e tenho o cabelo e os olhos inegavelmente castanho-escuros.

Cheguei de Hong Kong a meio do segundo ano e, mesmo naquela altura, quando ainda éramos todas Andorinhas (*Andorinhas*, neste novo caderno de caso, é como chamamos às alunas mais novas), a Daisy já era famosa em todo o Colégio Deepdean. Andava a cavalo, fazia parte da equipa de lacrosse e era membro do Clube de Teatro. As Alunas Mais Velhas repararam nela e, em maio, já todo o colégio sabia que a própria Aluna Monitora tinha chamado à Daisy «uma boa desportista».

Mas isso é só o exterior da Daisy, a parte alegre e feliz que toda a gente vê. Já o seu interior não é nada alegre e feliz.

Demorei algum tempo a descobrir isto.

2

A Daisy quer que eu explique tudo o que aconteceu este semestre até ao momento em que encontrei o corpo. Diz que é isso que os verdadeiros detetives fazem. Primeiro, recolhem as provas, por isso vou fazê-lo. Ela também diz que uma boa secretária deve ter o caderno de caso sempre consigo, para estar pronta a registar os acontecimentos importantes assim que eles ocorrem. Não vale a pena recordar-lhe que já o faço, de qualquer maneira.

A coisa mais importante que aconteceu naquelas primeiras semanas do semestre de outono foi a Sociedade de Detetives, e foi a Daisy que a criou. A Daisy é toda a favor de criar sociedades para as coisas. No ano passado, tivemos a Sociedade do Pacifismo (uma seca), e depois a Sociedade do Espiritismo (menos seca, mas depois a Lavinia partiu a sua caneca durante uma sessão espírita, a Beanie desmaiou, e então a Supervisora proibiu o espiritismo de vez).

Mas isso foi tudo no ano passado, quando ainda éramos Andorinhas.

Não podemos andar a brincar com coisas tolas como fantasmas, agora que somos crescidas e estamos no terceiro ano. Foi o que disse a Daisy, quando voltámos no princípio deste semestre, e depois de descobrir o crime.

Fiquei bastante satisfeita. Não que eu tivesse realmente medo de fantasmas. Toda a gente sabe que não existem. Mesmo assim, há histórias de fantasmas suficientes a circular pelo nosso colégio para horrorizar qualquer um. O nosso fantasma mais famoso é a Verity Abraham, uma menina que se suicidou atirando-se do balcão do Ginásio um semestre antes de eu chegar a Deepdean, mas também temos o fantasma de uma ex-professora que se trancou numa das salas de Música e morreu de fome, e o de uma pequena Andorinha do primeiro ano que se afogou no lago.

Como estava a dizer, a Daisy decidiu que este ano íamos ser detetives. Chegou à Casa com a sua caixa cheia de livros com capas sinistras e sombrias, e títulos como *Perigo na Casa dos Confins* e *A Estrada do Mistério*. A Supervisora confiscou-os um a um, mas a Daisy conseguia arranjar sempre mais.

Demos início à Sociedade de Detetives na primeira semana de aulas. Fizemos um pacto secreto e mortal que não podia ser partilhado com mais ninguém, nem mesmo com as nossas colegas de camarata, a Kitty, a Beanie

e a Lavinia. Fiquei bastante orgulhosa por eu e a Daisy termos um segredo. Também era muito divertido, quando nos esgueirávamos por trás das outras e fingíamos agir naturalmente, *sabendo sempre* que éramos detetives numa missão secreta para obter informações.

A Daisy preparou primeiras missões detetivescas. Nessa primeira semana, entrámos sorrateiramente na outra camarata do terceiro ano e lemos o diário secreto da Clementine. Depois, a Daisy escolheu uma aluna do primeiro ano e estabeleceu a missão de descobrirmos tudo o que pudéssemos sobre ela. Aquilo, disse-me a Daisy, era praticar, assim como decorar as matrículas de todos os carros que víamos.

Na nossa segunda semana, houve o caso da Rei Henrique (é o nosso nome para a Aluna Monitora deste ano, a Henrietta Trilling, por ela ser tão distante e majestosa, e ter uns belos caracóis castanhos), que, nessa manhã, faltou à Oração. Mas só demorou meia dúzia de horas para que toda a gente, e não só nós, soubesse que ela tinha recebido um telegrama a informar que a sua tia tinha morrido repentinamente nessa manhã.

— Coitadinha — disse a Kitty, quando descobrimos. A Kitty está na cama ao lado da Daisy na nossa camarata, e a Daisy nomeou-a Amiga da Sociedade de Detetives, embora ela ainda não esteja autorizada a sabê-lo. A Kitty tem cabelo castanho-claro, liso, e muitas sardas, e tem uma coisa escondida no fundo da sua caixa da bolama, que eu,

ao princípio, pensei ser um instrumento de tortura, mas afinal era um enrolador de pestanas. Ela adora cusquices tanto quanto a Daisy, embora por razões menos científicas. — Pobre Rei Henrique. Ela não tem tido muita sorte. Era a melhor amiga da Verity Abraham, e *vocês* sabem o que aconteceu à Verity. A Rei Henrique nunca mais foi a mesma.

— Eu não — disse a Beanie, que dorme ao meu lado. O seu nome verdadeiro é Rebecca, mas chamamos-lhe Beanie porque ela é muito pequena e assusta-se com tudo. Mas o que a assusta mais do que tudo são as aulas. Ela diz que, quando olha para uma página, todas as letras e números se levantam e começam a dançar até ela já não conseguir pensar em nada. — O que aconteceu à Verity?

— Suicidou-se — respondeu a Kitty, irritada. — Saltou do balcão do Ginásio, no ano passado. Então, Beans?

— Ah! — disse a Beanie. — Claro. Eu achei sempre que ela tinha tropeçado.

Às vezes, a Beanie é um bocado totó.

Aconteceu outra coisa no início do semestre que se revelou muito importante: O Único chegou.

Acontece que, no fim do ano passado, a Professora Nelson, que era uma velha e chata vice-diretora e nossa professora de Música e Arte, se reformou. Estávamos à espera de que ela fosse substituída por alguém igualmente desinteressante, mas o novo professor de Música e Arte, o Professor Reid, não era nada desinteressante. E também não era velho.

O Professor Reid tinha um rosto distinto e um bigode vistoso, e penteava o cabelo para trás com brilhantina. Parecia mesmo uma estrela de cinema, embora ninguém se entendesse sobre qual. A Kitty pensou no Douglas Fairbanks Jr. e a Clementine sugeriu o Clark Gable, mas só porque é obcecada pelo Clark Gable. Mas, na verdade, isso não interessava. O Professor Reid era um homem, e não era o Sr. MacLean (o nosso velho e desleixado reverendo, a quem a Kitty chama o Sr. MacSujo), e, portanto, todo o colégio se apaixonou por ele imediatamente.

A Kitty fundou uma Sociedade meio secreta, mas extremamente séria, dedicada a venerar o Professor Reid. Na primeira reunião, ele foi rebatizado como O Único. Todas nós tínhamos de fazer o sinal secreto umas para as outras (levantar o indicador e piscar o olho direito) sempre que estávamos na Sua Presença.

O Único ainda só estava em Deepdean há uma semana quando causou o maior choque, desde o da Verity no ano anterior.

Ora, antes deste semestre, todo o colégio sabia que a Professora Bell (a nossa professora de Ciências) e a Professora Parker (a nossa professora de Matemática) tinham um segredo. Viviam juntas no pequeno apartamento da Professora Parker, na vila, e este tinha um quarto de hóspedes. O quarto de hóspedes era o segredo. Não percebi logo quando a Daisy me falou do quarto de hóspedes; agora que estamos no terceiro ano, é claro que

percebo perfeitamente o que significa. Tem algo que ver com o cabelo da Professora Parker, que ela usa demasiado curto, e não é por ser moda, e com a forma como ela e a Professora Bell costumavam passar os cigarros uma à outra durante a hora do pequeno-almoço, no ano passado.

Mas este semestre não houve cigarros a serem passados, porque, no primeiro dia em que a Professora Bell olhou para O Único, apaixonou-se por ele tão perdidamente quanto a Kitty.

Foi um choque terrível. A Professora Bell não era considerada uma beleza. Era muito apumada e severa, com a sua bata branca de laboratório abotoada até acima. E era pobre. A Professora Bell usava as mesmas três camisas puídas rotativamente, cortava o seu próprio cabelo e fazia trabalho de secretária para a Diretora Griffin depois do horário escolar, para receber um dinheiro extra. Todas tínhamos pena dela, e achámos que O Único também teria. Ficámos espantadas quando tal não aconteceu.

— É *óbvio* que aconteceu alguma coisa entre eles — disse a Clementine à nossa turma, no fim da primeira semana de aulas. — Fui ao laboratório de Ciências durante o intervalo da merenda e dei com a Professora Bell e O Único a *curtirem*. Foi muito chocante!

— Aposto que não estavam mesmo a *curtir* — disse a Lavinia, desdenhosamente. A Lavinia também faz parte da nossa camarata. É uma miúda grande e pesada,

com o cabelo escuro e rebelde, e que está quase sempre infeliz.

— Estavam! — exclamou a Clementine. — Eu sei como é. Vi o meu irmão a fazer a mesma coisa no mês passado.

Não consegui evitar ficar corada. Imaginar a Professora Bell, rígida e impecável, a *curtir* com alguém (o que quer que isso significasse) era muitíssimo constrangedor.

Foi então que a Professora Parker soube daquilo. A Professora Parker é absolutamente feroz, com o seu cabelo preto cortado muito curto e uma voz furibunda que lhe sai em torrente do corpo minúsculo como uma sirene de nevoeiro. A discussão foi tremenda. Quase todo o colégio a ouviu, e o resultado foi que a Professora Bell deixou de estar autorizada a viver no pequeno apartamento.

Depois, no princípio da segunda semana de aulas, mudou tudo outra vez. Mal conseguíamos acompanhar a situação. De repente, O Único parecia já não querer estar com a Professora Bell. Em vez disso, começou a interessar-se pela Professora Hopkins.

A Professora Hopkins é a nossa professora de Desporto. É rechonchuda, de uma alegria inabalável (a menos que não sejamos boas em Desporto) e marcha pelos corredores do colégio com um taco de hóquei na mão, com o seu cabelo castanho sempre a soltar-se em ondas elegantes do rabo de cavalo atlético. Ela é bonita e (acho eu) muito jovem, por isso, não foi nenhuma surpresa que O Único

reparasse nela. Foi só chocante que ele tivesse cortado relações com a Professora Bell por isso.

Portanto, agora podíamos apanhar O Único e a Professora Hopkins a *curtirem* nas salas de aula, e a única coisa que a Professora Bell podia fazer era passar rapidamente por eles sempre que os via, furiosa, de lábios apertados e olhar gelado.

A opinião geral do Deepdean não favorecia a Professora Bell.

A Professora Hopkins era bonita, e a Professora Bell não era, e o pai da Professora Hopkins era um juiz muito importante em Gloucestershire, enquanto o da Professora Bell não tinha importância nenhuma. Mas eu não conseguia deixar de estar do lado da Professora Bell. Afinal, não era culpa *dela* que O Único a tivesse dispensado, nem ela podia evitar ser pobre.

Agora que já não podia viver no apartamento, é claro que estava mais pobre do que nunca, e eu preocupava-me com isso. A única coisa animadora que a Professora Bell tinha era o cargo de vice-diretora, mas mesmo isso não foi o consolo que devia ter sido. Sabem, é que a Diretora Griffin tinha de nomear uma nova vice-diretora, e ao fim de algumas semanas correu o boato de que a Professora Bell estava prestes a ser escolhida. Isso devia ter sido uma coisa boa. Quando fosse formalmente nomeada, as preocupações financeiras da Professora Bell desapareceriam para sempre, mas o que realmente aconteceu foi que as

professoras que não tinham sido escolhidas começaram a desprezá-la. Havia outras duas que também estavam na corrida. A primeira era a Professora Tennyson, nossa professora de Inglês. Sim, o nome era o mesmo do famoso poeta do século XIX, mas não eram aparentados. E ela também se parece com um quadro famoso inspirado num poema dele. Tem sempre o cabelo solto em volta do rosto, e é tão choraminga como uma torneira avariada. A segunda era a Professora Lappet, a nossa professora de História e Latim, que é uma inútil de cabelo grisalho e tem a forma de uma almofada demasiado cheia, mas que se considera a conselheira mais próxima da Diretora Griffin. Ambas estavam totalmente furiosas por a Professora Bell ter sido escolhida para o cargo de vice-diretora e ignoravam-na sempre que passavam por ela no corredor.

Foi então que aconteceu o assassinato.

3

Digo que fui eu que encontrei o corpo da Professora Bell, e fui, mas isso nunca teria acontecido se não fossem os livros policiais da Daisy. A persistência da Supervisora em confiscá-los significava que não valia a pena tentarmos lê-los na Casa, por isso, a Daisy arranjou uma atividade no colégio ao fim do dia. Inscreveu-se no Clube Literário, pôs o *De Quem é o Cadáver?* no meio das páginas do *Paráiso Perdido* e ali ficou sentada, a ler sossegadamente, enquanto as outras conversavam. Eu também me inscrevi e sentei-me ao fundo da sala, a escrever as minhas notas sobre o caso da Sociedade de Detetives. Todas achavam que eu estava a escrever poesia.

Foi a seguir ao Clube Literário, na segunda-feira, 29 de outubro, que aconteceu. Os clubes extracurriculares terminam às 17h20, mas eu e a Daisy ainda continuámos na sala vazia para ela poder terminar *O Homem na Fila*. A Daisy estava absorta, mas eu estava nervosa com

a possibilidade de nos atrasarmos para o jantar na Casa e, depois, incorreremos na terrível ira da Supervisora. Procurei o meu pulôver e então lembrei-me, chateada, de onde o tinha deixado.

— Que seca — disse eu. — Daisy, o meu pulôver ficou no Ginásio. Espera por mim, só demoro um minuto.

A Daisy, com o nariz metido no livro, como sempre, encolheu levemente os ombros para mostrar que me tinha ouvido e continuou a ler. Olhei para o meu relógio de pulso e vi que eram 17h40. Se fosse a correr, tinha tempo, já que ir da entrada da Ala Antiga até à Casa demorava sete minutos, e o jantar era às 18h em ponto.

Atravessei a correr o corredor vazio da Ala Antiga, que cheirava a giz, e depois virei à direita para o corredor alto da Biblioteca, coberto de mosaicos pretos e brancos, onde os meus passos ecoavam no silêncio, enquanto eu arfava. Mesmo depois de um ano em Deepdean, quando corro, ainda fico ofegante e resfolego de uma forma que a chata da Professora Hopkins classifica como «pouco própria para uma menina de bem».

Passei pela Sala das Professoras, pela Biblioteca, pelo Gabinete do Reverendo MacLean, pelo Cubículo d'O Único e pelo Salão, e depois virei novamente à direita, para o corredor que leva ao Ginásio. Há uma lenda no colégio que diz que o Ginásio está assombrado pelo fantasma da Verity Abraham. Quando ouvi isto pela primeira vez, era mais novinha e acreditei. Imaginei a Verity

toda cheia de sangue, com o cabelo comprido à frente do rosto, vestida com a sua saia-jardineira e gravata, e com um taco de lacrosse na mão.

Mesmo agora, que sou mais velha e já não sou uma Andorinha, só de pensar que estou a caminho do Ginásio, fico com arrepios. O facto de o corredor do Ginásio ser horrível também não ajuda nada. Está apinhado de móveis antigos do colégio, partidos e cheios de pó, que se erguem na penumbra como se fossem pessoas. Naquela noite, as luzes estavam todas apagadas e o corredor estava mergulhado em tons escuros de cinzento e castanho. Corri o mais depressa que pude pelo corredor, empurrei as portas do Ginásio e entrei, ofegante.

E ali, no chão, estava a Professora Bell.

O nosso Ginásio, caso não conheças pessoalmente, é muito grande, com barras e traves arrumadas contra as paredes, e enormes janelas de vidro. Há um balcão assustadoramente alto no lado mais próximo da porta principal (não temos autorização para subir até lá sozinhas, porque podemos cair, mas desde que a Verity saltou de lá, também ninguém quer subir) e uma salinha por baixo dele, para nos vestirmos e guardarmos a nossa roupa, a que chamamos Copa.

A Professora Bell estava deitada por baixo do balcão, imóvel, com um braço esticado para trás da cabeça e as pernas dobradas debaixo do corpo. Num primeiro momento de choque, não me ocorreu que ela estivesse

morta. Pensei que ia levar um ralhete enorme por estar num lugar onde não devia, e quase fugi a correr antes que ela me visse. Mas depois perguntei-me o que estaria a Professora Bell a fazer ali, deitada daquela maneira.

Corri para ela e ajoelhei-me ao seu lado. Hesitei antes de lhe tocar, pois nunca antes tinha tocado numa professora, mas, naquela ocasião, a sensação foi a mesma de tocar noutro ser humano.

Dei-lhe um toque no ombro, sobre a bata branca do laboratório, enquanto desejava muito que ela abrisse os olhos, se sentasse e me repreendesse por estar no Ginásio fora de horas. Mas, em vez disso, o meu toque fez com que a cabeça da Professora Bell pendesse para o lado contrário ao meu. Os óculos escorregaram-lhe do nariz e percebi que aquilo que eu pensava que era só uma sombra por trás da sua cabeça era, afinal, uma mancha escura do tamanho do meu lenço. Uma parte dessa mancha tinha-se alastrado até à gola da bata, e essa parte estava vermelha. Estendi um dedo para tocar na mancha e fiquei com o dedo coberto de sangue.

Recuei aos tropeções e esfreguei a mão na saia, horripilada, deixando-a marcada com um rasto escuro e comprido. Olhei para ele, depois para a Professora Bell, que continuava sem se mexer, e senti-me terrivelmente agoniada. Nunca tinha visto uma pessoa morta de perto, mas agora tinha quase a certeza de que a Professora Bell estava morta.

O que eu devia fazer naquelas circunstâncias era gritar, pensei eu, mas estava tudo tão escuro e silencioso à minha volta que não consegui. O que eu queria mesmo era arrancar a saia, só para me livrar daquele sangue, mas o meu treino de Deepdean ergueu-se dentro de mim, convencendo-me de que a ideia de correr pelo colégio seminueva era, de alguma maneira, muito pior do que estar sozinha com um cadáver.

Enquanto pensava nisto, apercebi-me de que a Professora Bell estava realmente morta e que eu estava sozinha com o seu corpo. De repente, lembrei-me do fantasma da Verity Abraham e pensei que talvez tivesse sido *ela* a matar a Professora Bell, empurrando-a exatamente do mesmo sítio de onde ela própria tinha saltado um ano antes... e agora talvez estivesse à minha espera, para me fazer o mesmo. Era um pensamento tolo e infantil, mas todos os pelos da minha nuca se eriçaram e, com treino de Deepdean ou não, pus-me de pé num salto e corri para fora do Ginásio o mais depressa que pude, como se a Professora Bell fosse levantar-se também e correr atrás de mim.

4

Eu corria tanto que, ao atravessar novamente o corredor, bati em várias cadeiras abandonadas e feri-me com força num joelho. Mas só me apercebi disso mais tarde. Os meus passos ecoavam à minha volta, e sombras escuras de formas estranhas erguiam-se nos limites da minha visão; tinha a respiração presa na garganta. Atravessei a correr todo o corredor da Biblioteca até à Ala Antiga e finalmente encontrei a Daisy, que vinha a sair da sala onde eu a tinha deixado.

Eu devia estar com um aspeto horrível, toda vermelha, suada e ofegante.

A Daisy pestanejou, curiosa.

— Que aconteceu? Estás a sangrar. Vamos chegar atrasadas ao jantar. A V. O. vai ficar furiosa connosco.

Olhei para baixo, surpreendida, e só então vi que tinha sangue a escorrer pela perna, de um corte fundo no joelho. Mas não sentia nada.

Era como se tivesse acontecido com outra pessoa qualquer.

— Daisy — exclamei, ofegante. — A Professora Bell está morta.

— Oh, tens muita graça, Hazel — disse a Daisy a rir-se. — Acredito mesmo!

— Daisy! — voltei a dizer. — É verdade. Ela está morta. Está no Ginásio, caída no chão...

A Daisy olhou-me fixamente por um momento, com uma sobrancelha levantada, e foi exatamente nesse momento que a Virginia Overton saiu apressada da sala por trás dela e nos encontrou ali paradas.

A Virginia Overton era a quem a Daisy se referia como «V. O.». É a monitora de turno nas noites de segunda-feira, a Aluna Mais Velha que garante que todas regressamos à Casa depois dos clubes extracurriculares, e ela leva o seu papel muito a sério. Quando caminha, bate os pés chatos e gordos no chão como um polícia e aperta a prancheta contra o peito, como se de um bloco de multas se tratasse.

— Wells! — atirou ela, saindo da porta da sala de aula por trás de nós. — Wong! O que acham que estão a fazer? Daqui a exatamente oito minutos vão estar atrasadas para o jantar.

— No Ginásio... é a Professora... ela... — gaguejei.

— A Hazel pensa que alguém se magoou no Ginásio — disse a Daisy suavemente. — Veio a correr até aqui para pedir ajuda.

A Virginia franziu a testa, enervada.

— Oh, sinceramente — disse ela. — Vocês às vezes inventam as histórias mais inacreditáveis.

— Tens de vir ver! — ofeguei. — *Por favor!*

A Virginia olhou de mim para a Daisy, e depois outra vez para mim.

— Se isto é um dos vossos joguinhos... — avisou ela.

Arrastei-a até ao Ginásio, com a Daisy atrás. A Professora Tennyson, de Inglês, estava do lado de fora do Gabinete do Reverendo MacLean, no fim do corredor, a conversar com a ruiva e magra *Mamzelle*, a professora de Francês (não sei como a Professora Tennyson consegue percebê-la — a *Mamzelle* tem um sotaque francês horrível e as suas aulas são um sacrifício) e o velho e oleoso Reverendo MacLean. Viraram-se os três e ficaram a olhar-nos enquanto passávamos. Na verdade, fazíamos tanto barulho ao passar que O Único pôs a cabeça de fora do seu pequeno Cubículo para ver o que se passava. (O Único tem o seu próprio pequeno gabinete ao fundo do corredor da Biblioteca, mesmo ao lado do Gabinete do Reverendo MacLean. Ele não pode usar a Sala das Professoras, na outra extremidade, porque é homem, obviamente.)

— Algum problema, Virginia? — perguntou o Reverendo MacLean, e ela respondeu:

— Duvido, senhor.

Quando a Virginia e a Daisy entraram no Ginásio, parei e acendi a luz principal, triunfantemente.

— Lá está ela — disse eu, apontando. — Eu disse-vos...

Mas então olhei para lá do meu braço, para o lugar onde, havia poucos minutos, a Professora Bell estivera caída. A Professora Bell tinha desaparecido.

O Ginásio estava vazio e silencioso. Só havia uma pequena mancha escura no chão de madeira polida, que mostrava onde estivera a cabeça dela.

Eu ainda estava a arfar de choque quando a Virginia falou.

— Ora bolas — disse ela. — Olha que surpresa. Não há aqui ninguém. Hoje à noite não há jantar para nenhuma de vocês: nem para *ti*, por mentires, nem para *ti*, por lhe dares cobertura.

— Mas ela estava ali! — gritei. — É mesmo verdade! Olha! — disse eu, apontando para a mancha escura. — É sangue! Alguém deve ter voltado para o limpar, mas...

A Virginia fez um riso de escárnio.

— E eu sou a Imperatriz do Japão — disse ela, em tom de superioridade. — *Ninguém* fez nada disso, porque nunca houve corpo nenhum, como vocês sabem muito bem. E quanto ao sangue, bom, o teu joelho está a sangrar. Pensaste que eu não ia reparar? E também tens na saia. Esta é uma das partidas mais elaboradas que já vi. Vocês deviam era ter vergonha... Mas, de onde tu vens, suponho que não te ensinem que é errado mentir, não é?

Mordi o lábio e desejei com todas as minhas forças ter encontrado a própria Virginia Overton caída no chão do Ginásio.

— Agora, vamos embora para a Casa, vocês as duas. Espero que mais tarde a Supervisora vos dê um castigo exemplar por isto, é só o que tenho a dizer. — E então agarrou-nos pelo braço e conduziu-nos para fora do Ginásio, resmungando sobre as alunas imprestáveis do terceiro ano. Eu estava vermelha de raiva e vergonha. Eu tinha mesmo *visto* a Professora Bell ali caída, *sabia* que sim. Mas não havia prova nenhuma de que eu não estivesse a inventar tudo.

A Virginia acompanhou-nos de volta, e passámos pela *Mamzelle*, pela Professora Tennyson e pelo Reverendo MacLean. A *Mamzelle* riu-se e perguntou:

— Falso alarme?

— Muito — respondeu-lhe a Virginia, e continuou a andar.

Por momentos, questioneei-me se *estaria* louca. Este tipo de coisas simplesmente não acontecia fora dos livros da Daisy. Era ridículo.

Mas então, enquanto a Virginia nos apressava lá para fora, depois de atravessarmos as luzes fortes e os painéis de madeira da entrada da Ala Antiga, olhei para a minha saia e vi a mancha escura que a cobria. Abri a palma da mão e vi que o meu dedo indicador ainda tinha uma leve mancha vermelha na ponta. Fechei a mão novamente, num punho apertado, e percebi que não estava nem um bocadinho louca.

Ao estilo de Agatha Christie,
ambientada nos anos 30, a série policial
Sociedade de Detetives Wells & Wong

apresenta as aventuras emocionantes da
Daisy Wells e da Hazel Wong, duas jovens heroínas
que todos gostariam de ter como amigas.



Numa tarde como tantas outras, a Hazel descobre a inflexível professora de Ciências morta no ginásio. Em pânico, corre a pedir ajuda. Mas, ao regressar com a Daisy e uma monitora, descobre que o corpo desapareceu...

É o caso por que a dupla de detetives esperava há tanto tempo (se não contarmos com o caso do lenço desaparecido da Lavinia, e elas não contam)! Quando a Daisy Wells e a Hazel Wong fundaram a SOCIEDADE DE DETETIVES WELLS & WONG, o seu maior sonho era participar numa investigação secreta.




Tal como Holmes e Watson, as suas fontes de inspiração, a Daisy e a Hazel usarão toda a sua inteligência e astúcia para DESCOBRIR O ASSASSINO antes da polícia. Quem disse que resolver crimes não é coisa para senhoras?

Livros imperdíveis para jovens leitores
que adoram suspense.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-975-6



9 789895 898756